

AMAZÔNIA, CELEIRO DA VIDA

Irvênia Prada

Dizem que Deus é brasileiro. Só podia ser! “Nosso céu tem mais estrelas, nossas várzeas têm mais flores, nossos bosques têm mais vida, nossa vida mais amores”, conforme a exaltação feita por Gonçalves Dias, em “Canção do Exílio”.

E a inspiração do poeta se confirma! Nossa pátria amada mostra área correspondente ao conjunto de vários países europeus, e oferece invejável extensão de costa às águas mornas do azul e verde “mar, belo mar selvagem, de nossas praias solitárias...”, na expressão de Vicente de Carvalho em “Palavras ao Mar”.

Nossos variados ecossistemas incluem, entre outros, a Mata Atlântica, o Pantanal, a Caatinga, o Cerrado, o Pampa e, ainda, nossa jóia rara - a Amazônia, maior floresta tropical do mundo, com seus 4.196.943 km², em cujo seio já se registraram 1.700 espécies de orquídeas! Para termos idéia do que isso significa, basta a informação de que nosso vizinho norte-americano conta com apenas 200 dessas variedades.

Um momento! Temos tudo isso, ou ainda temos, ou tínhamos? É, porque as últimas notícias são alarmantes! Da Amazônia, maior reserva de biodiversidade do planeta – com 1,5 milhão de espécies vegetais catalogadas, maior bacia hidrográfica do mundo – representando 20% de toda a água doce do planeta e maior bioma brasileiro em extensão, restam intactos somente 53% de seu território, sendo que 17% de sua área já foram totalmente devastados. O desmatamento da floresta amazônica atingiu em 2003/2004 seu segundo mais alto registro, correspondendo a 26.130 km², sendo as principais causas responsáveis por este lamentável quadro, a monocultura da soja, a formação de pastos para a pecuária, a extração predatória de madeira, a grilagem de terras públicas, a ação ilegal de garimpeiros e a abertura de estradas clandestinas. Das espécies da fauna da Amazônia, 9,1% estão sob ameaça ou já foram extintas.

O que está acontecendo chama-se “devastação” e começou a implantar-se em terras brasileiras, há pouco mais de 500 anos, com a vinda dos “civilizados”. Eles já estavam impregnados do tal de “antropocentrismo” (do grego *antropos* = homem), isto é, de um modo de pensar e de agir que investe tudo apenas no bem-estar do ser humano, recomendando-se a exploração da natureza em seu benefício. E o que é pior, não é no bem-estar de toda a humanidade mas, no “vinde a mim e ao vosso reino nada” que favorece somente alguns poucos, aqueles, é claro, que já se acham em situação social de destaque, de privilégio e a quem escravos serviram e serviços continuam a servir.

Essa história vem de longe e com a visão mecanicista dos seres vivos, que vem em seguida, a ciência é motivada a encarar os indivíduos “reduzidos” apenas ao seu corpo físico, relegando-se a um segundo plano, a dimensão mental ou psíquica das criaturas. Foi o passo permissivo ao materialismo.

De toda essa trajetória histórica do ser humano, sobraram “resíduos” em nossa cultura atual, que por isso é eminentemente “cientificista”, ou seja, valoriza ou mesmo super-valoriza apenas o conhecimento que nos chega pelo canal da ciência. Para tudo se pergunta se a ciência “comprovou”, o que por muitas vezes resulta em absurdos, pois a ciência não tem “kit” para tudo. Sensações e sentimentos que envolvem amizade, amor, fraternidade e solidariedade, existem e não tem como serem “provados” pela ciência. Além de cientificista, nosso atual modelo de cultura é utilitarista e imediatista, isto é, desejamos que todos os nossos problemas se resolvam de pronto, de preferência engolindo-se um comprimido de algum medicamento mágico.

A exploração incoseqüente da natureza, mecanismo pelo qual estamos agredindo de maneira drástica, todo o ecossistema da Amazônia, está inserida nessas características de cultura a que nos acostumamos.

Antropocentrismo, mecanicismo, reducionismo, materialismo, imediatismo e utilitarismo são sinalizações em nosso caminho, que tem nos conduzido a destinos de devastação e de infelicidade.

Temos de encontrar uma nova maneira de concordarmos, enquanto pessoas, em fazer algumas coisas e em não fazer outras, o que implica em bases culturais que envolvem a ética e um senso de comportamento moral. E o que é moral, por sua vez, implica no exercício do livre-arbítrio. Portanto, para bem optarmos, em favor do bem comum, somente nos resta despertar a consciência dormida para “enxergar” o que antes não víamos. Temos que abandonar de vez esse falido paradigma antropocêntrico, materialista e reducionista para substituí-lo por um novo modelo ecocêntrico ou biocêntrico, que visa não apenas o bem-estar do ser humano, mas a harmonia do todo.

Nessa nova proposta, a mudança será do racional para o intuitivo, do reducionismo para o holismo, da competição para a cooperação, da auto-afirmação para a integração, da expansão para a conservação, da quantidade para a qualidade e da dominação para a participação. Como sociedade sustentável, teremos de satisfazer nossas necessidades sem por em risco as perspectivas das gerações futuras. O espírito dessa proposta “ecológica” acha-se bem resumido na colocação que se segue, referida em “Pertencendo ao Universo” por Fritjof Capra, um dos mais eminentes cientistas nela inseridos: “Imaginemos um ecossistema, uma floresta. Enquanto cientista, posso descrever a floresta em um trabalho caracteristicamente intelectual. Mas, se dou um passo à frente e penetro na floresta, e realmente me sinto emocional, estética e espiritualmente ligado à ela, tenho uma experiência plena, existencial e espiritual. Daí, é só entregar-se à experiência e permitir que ela faça alguma coisa por você, e você por ela!. Essa ‘percepção’ vai muito além da ciência. Envolve mesmo o despertar de nossa consciência para a ligação e a interdependência fundamentais que existem entre todos os fenômenos e para a realidade de ‘pertencer’ ao cosmos, ao todo”.

Destruir a Amazônia não será apenas uma perda para o patrimônio nacional. Sua preservação e integridade tem repercussões na química da atmosfera do planeta e na dinâmica do ciclo hídrico de toda a natureza, representando impacto permanente no clima global.

Como pretensos “donos do mundo”, o esquema não deu certo. Já tentamos a devastação, a subjugação, a prepotência, o desmando, o egocentrismo e o descaso pela vida e pelo bem-estar alheio. Só falta o exercício da atitude voltada para o bem comum, de tudo e de todos. Afinal, como já disse alguém, a “salvação” ou é holística ou não é salvação!

A extraordinária pujança de espécies da fauna e da flora que se manifesta nesse exuberante celeiro da vida – a Amazônia merece nossa extasiante admiração, nossa sentida gratidão e nossa cerimoniosa reverência à sua sacralidade.

Que Deus a abençoe, hoje e sempre!